



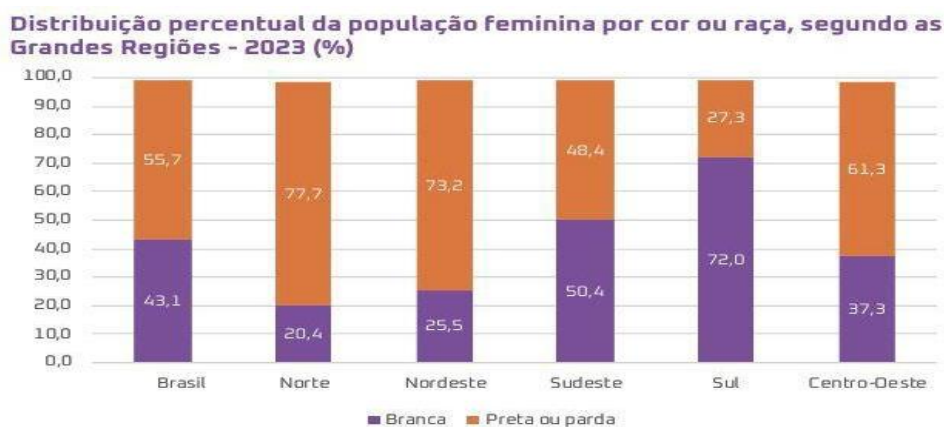
Em Foco: Maternidade solo na interseção com gênero, pobreza e racismo

Nesta seção discute-se a realidade das mães solo no Brasil e no Maranhão, constituída, em sua maioria, por mulheres negras, desempregadas, residentes nas periferias das cidades e que assumem sozinhas a responsabilidade pelo sustento e cuidado de suas famílias. Vidas perpassadas pela pobreza, resultante de desigualdades estruturais que se expressam na conformação das classes, nas relações de gênero, raça e etnias e atingem, de formas específicas, determinados grupos. Parte-se do entendimento que a maternidade é um evento que exige responsabilidade coletiva e quando vivida em situações de carência material também não pode ser compreendida apenas como uma escolha individual, mas como resultado de determinações históricas, sociais e econômicas que limitam o acesso a direitos fundamentais e diferentes formas da proteção social.

Os dados analisados tomam por base informações do Ministério das Mulheres, do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero e do Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (2025). Também a obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus é um suporte analítico fundamental porque, como mencionado em outras seções do Boletim, nesta obra, a maternidade ocupa um lugar central na narrativa, para dar voz à autora na sua condição de mãe solo que vivenciava a responsabilidade pela garantia da sobrevivência, do cuidado e da proteção de suas crianças em um contexto marcado pela fome e ausência do Estado.

Os dados apresentados na **tabela 1** que mostram a distribuição da população feminina por cor ou raça revelam um Brasil profundamente heterogêneo, sendo que, enquanto na região Sul 72% do contingente feminino se identifica como majoritariamente branca, nas regiões Norte (77,7%) e Nordeste (73,2%), respectivamente as mulheres se consideram pretas e pardas. Ao elevado número de mulheres pretas e pardas nessas regiões corresponde alto índice de pobreza, informalidade e precarização das condições de vida. É o caso de Em São Luís-MA (Região Nordeste), onde dados do IBGE/PNADC, 2023, mostram que 72% da população negra se encontrava, naquele período, em ocupações informais. São situações enfocadas na referida obra Quarto de Despejo que, nos idos de 1960, já denunciava: “*Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite e os 13 cruzeiros não dava. [...] Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E sempre estou em falta* (Quarto de Despejo, p. 12, 16 de julho). “*Já faz oito anos que cato papel [...] (p. 18, 20 de julho de 1955)*

FIGURA 1





Fonte: Ministério das Mulheres. Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. RASEAM 2025 – Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (2025)

Já os dados trazidos na Figura 2, mostram o crescimento do número de mães solo no Brasil, que passou de 9,6 milhões em 2012 para 11,3 milhões em 2022. Ademais, verifica-se também que esse aumento é impulsionado principalmente pelas mulheres negras (pretas e pardas), que elevou de 5,4 milhões para 6,9 milhões, enquanto o número de mães solo brancas e amarelas se manteve relativamente estável, em torno de 4,0 a 4,3 milhões ao longo do período.

Quando relacionamos os dados das Figuras 1 e 2 é possível observar que o aumento do número de mães solo ocorre principalmente entre mulheres negras, demonstrando que raça e gênero constituem fatores centrais para compreender a feminização da pobreza no Brasil.

Não é de hoje que vem sendo observado no Brasil o crescimento do número de famílias chefiadas por mulheres, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) com base em dados do IBGE, afirma que hoje são mais de 41 milhões de domicílios que têm mulheres como principais provedoras, número que reflete não apenas autonomia, mas também uma série de desafios. Dentre eles, a superação das permanentes desigualdades sociais e raciais que atingem essas mulheres, particularmente aquelas dos segmentos mais empobrecidos.

O Jornal Imparcial na edição de 10/maio/2026, com base nos dados do Censo Demográfico 2022 do IBGE, divulgados em 2024/2025, aponta que o Maranhão apresenta um cenário significativo de maternidade solo e chefia familiar feminina, sendo um dos estados brasileiros com maior proporção de lares chefiados por mulheres, atingindo 53% em 2022, um aumento expressivo em relação aos 38,7% registrados em 2010. Ao nível nacional, 84% das crianças são criadas principalmente pela mãe, sendo que o Brasil tem mais de 11 milhões de mães solo.

A análise do livro Quarto de Despejo, indica que a maternidade é descrita como uma experiência atravessada por privações materiais, insegurança alimentar e sobrecarga feminina. Como lembra Audalio Dantas(1960), *“a fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina”*. A autora relata o esforço cotidiano para alimentar os filhos, mantê-los limpos e afastá-los da violência e dos conflitos da favela. Em vários trechos da obra é possível ver a luta que ela trava pela sobrevivência diária e para garantir o sustento dos filhos *“A tontura da fome é pior do que a do álcool” (Jesus, 1960)*, aqui fica explícito o sofrimento da mãe face a impossibilidade de suprir necessidades básicas, evidenciando que a fome dos filhos é sentida pela autora como uma dor ainda mais profunda do que a sua própria.

A partir da experiência de Carolina Maria de Jesus podemos compreender a maternidade periférica como uma vivência marcada pela desigualdade social, na qual a mulher assume, de forma quase exclusiva, a responsabilidade pelo cuidado e pela provisão do sustento familiar. A ausência de políticas públicas efetivas de proteção social torna a maternidade um espaço de constante tensão, no qual o amor materno é atravessado pelo medo, pela culpa e pela insegurança quanto ao futuro dos filhos.

Se articularmos os dados aqui demonstrados com a experiência de Carolina Maria de Jesus, vamos observar que, embora em contextos históricos distintos, as mulheres periféricas seguem enfrentando desafios semelhantes no exercício da maternidade. A responsabilidade quase exclusiva pelo cuidado dos filhos, a ausência de suporte estatal efetivo e a necessidade de conciliar maternidade e sobrevivência permanecem como marcas da experiência materna nas periferias urbanas do Brasil, inclusive em São Luís/MA.



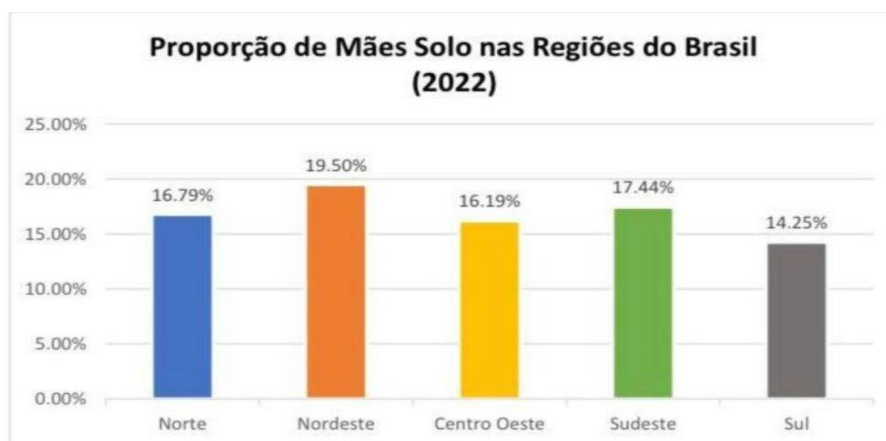
FIGURA 2



Evolução do número de pessoas de referência que são mães solo no Brasil, 2012-2022-Fonte: Blog do Ibre/Fgv (2023)

Essas desigualdades tornam-se ainda mais evidentes quando observadas sob a perspectiva regional. Nesse sentido, a **Figura 3** apresenta a distribuição das mães solo nas diferentes regiões do Brasil, permitindo compreender como fatores econômicos, sociais e raciais se manifestam de forma desigual no território nacional.

FIGURA 3



Elaboração das autoras Fonte: IBGE (2022).

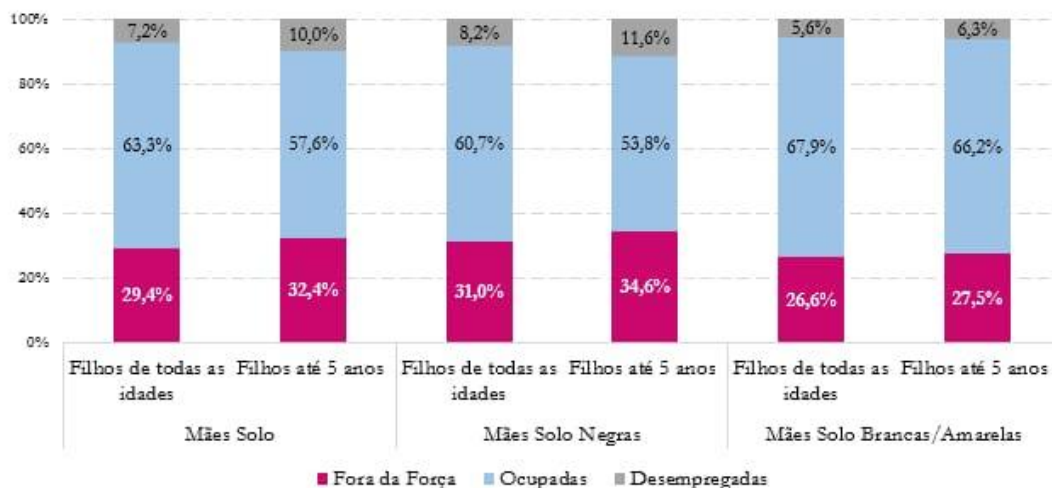
Os dados mostram que a região Nordeste possuía a maior proporção de mães solo no Brasil em 2022, com 19,50%, enquanto a região Sul apresentava o menor índice, com 14,25%. O Sudeste aparece em segundo lugar, com 17,44%, seguido do Norte, com 16,79%, e do Centro-Oeste, com 16,19%. Se esses dados forem relacionados com as Figuras 1 e 2, percebe-se que as regiões com maior concentração de mulheres pretas e pardas também apresentam percentuais mais elevados de mães solo, evidenciando como as desigualdades raciais e regionais impactam diretamente as condições de vida das mulheres. As regiões com maiores índices de mães solo também concentram elevados níveis de pobreza, informalidade e dificuldades de acesso às políticas públicas, reforçando a necessidade de ações específicas de proteção social e inclusão econômica.

Na Figura 4, é possível verificar que os dados apontam para um aprofundamento das desigualdades já evidenciadas ao demonstrarem que as regiões com maiores percentuais de mães solo



também concentram maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho, especialmente as mulheres negras com filhos pequenos.

FIGURA 4



Situação das Mães Solo de 15 a 60 anos no Mercado de Trabalho no Brasil, Fonte: Blog do IBRE/FGV (2023)

A análise do gráfico (figura 4) demonstra que a presença de filhos pequenos se mostra como um entrave crítico à inserção profissional, pois 34,6% das mulheres mães solo negras com crianças de até 5 anos estão fora do mercado de trabalho, ou seja, encontram dificuldades para se vender enquanto força de trabalho. Estes condicionantes estruturais acabam empurrando estas mulheres para as atividades informais, de acordo com dados de um Boletim do DIEESE, 2024, p. 7, as pessoas negras são a maioria entre aqueles que estão na informalidade, representando 41,0% das trabalhadoras e 43,2% dos trabalhadores ocupados em situação de informalidade. Essa realidade afeta desproporcionalmente mulheres pretas ou pardas (onde a taxa chega a (45,4%) e é fortemente impulsionada pela necessidade de flexibilidade para conciliar o trabalho com a maternidade e os cuidados do lar.

Sabemos que a informalidade além de ter efeito sobre a qualidade do trabalho, também significa ausência de direitos trabalhistas e de proteção social condições que corroboram para a manutenção do ciclo de pobreza.

Os dados apresentados nesta figura dialogam diretamente com a Figura 3, uma vez que as regiões com maiores proporções de mães solo também concentram elevados índices de informalidade e dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal, especialmente as mulheres negras e periféricas.

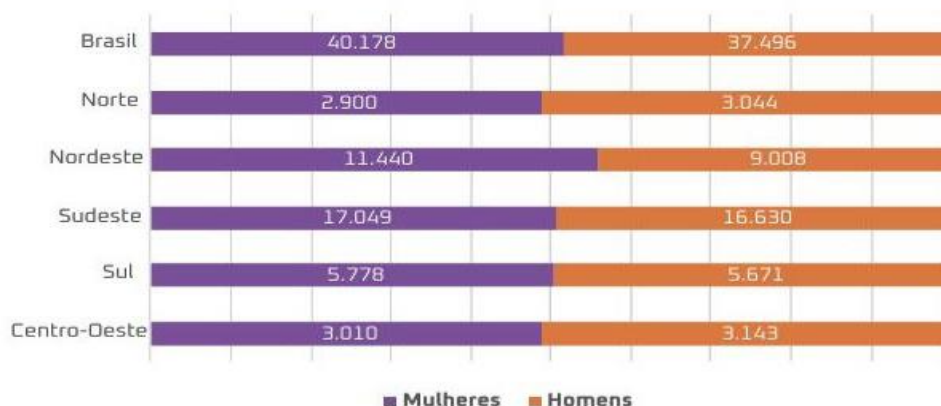
Podemos dizer que tais dificuldades são também decorrentes da sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado, somada às dificuldades de acesso a creches e a formação educacional, evidenciando a necessidade de políticas públicas que assegurem à conciliação entre trabalho e maternidade.

A Figura 5 traz a distribuição dos domicílios particulares permanentes segundo o sexo da pessoa responsável nas diferentes regiões do Brasil, permitindo compreender como a feminização da chefia domiciliar está diretamente relacionada às desigualdades sociais, econômicas e de gênero presentes na sociedade brasileira.



FIGURA 5

Domicílios particulares permanentes por sexo da pessoa responsável, segundo as Grandes Regiões - 2023 (em milhares)



Fonte: Ministério das Mulheres. Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. RASEAM 2025 – Relatório Anual Socioeconômico da Mulher, 2025.

A análise da tabela 5 evidencia diferenças em relação a chefia familiar entre homens e mulheres, pois vê-se que em âmbito nacional, as mulheres são responsáveis por 40.178 mil dos domicílios e os homens por 37.496 mil. Assim, temos que no Nordeste são 11.440 mil domicílios chefiados por mulheres enquanto no Sudeste são 17.049 mil contra 16.630 mil, no Sul: 5.778 mil contra 5.671 mil, no Norte são 3.044 mil contra 2.900 mil e no Centro-Oeste 3.143 mil contra 3.010 mil, observando-se leve predominância masculina, indicando, que, neste aspecto há diferenças regionais.

Este aumento dos domicílios chefiados por mulheres reitera o que estudos já vem indicando no tocante a maior empobrecimento destas famílias considerando as históricas assimetrias de gênero expressas na desigualdade de renda, na inserção precária no mercado de trabalho, a informalidade e na sobrecarga do trabalho doméstico e dos cuidados, fatores que contribuem diretamente para a permanência de situações de desigualdades econômicas.

As regiões Norte e Nordeste, por exemplo, concentram os maiores percentuais de mães solo e, simultaneamente, apresentam maiores dificuldades relacionadas ao acesso à renda, emprego formal e políticas públicas de proteção social.

Por fim, torna-se fundamental o fortalecimento de políticas públicas voltadas à garantia de direitos, à ampliação da proteção social, ao acesso ao trabalho digno, à educação e aos serviços de cuidado, como creches e assistência social. Além disso, o enfrentamento da pobreza feminina exige políticas que considerem as particularidades das mulheres negras, periféricas e chefes de família, reconhecendo que as desigualdades vivenciadas por essas mulheres são resultado de processos históricos e estruturais que atravessam a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério das Mulheres. Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. *Relatório Anual Socioeconômico da Mulher – RASEAM 2025*. Brasília: Ministério das Mulheres, 2025. Disponível em: [Raseam 2025 - Relatório Anual Socioeconômico da Mulher](#). Acesso em: 25 de abril.2026.



DANTAS, Audalio. Textos sobre Quarto de Despejo em 1960, dando visibilidade às denúncias da fome e da desigualdade que hoje tornam a obra um clássico decolonial.

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos Boletim: Mulheres no mercado de trabalho: desafios e desigualdades constantes, disponível em <https://www.dieese.org.br> boletim especial, acesso em 20.05.2026

FEIJÓ, Janaína. *Mães solo no mercado de trabalho*. Blog do IBRE, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2023. Disponível em: [Mães solo no mercado de trabalho | Blog do IBRE](#), acesso em: 19 de abril.2026.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: [IBGE | Portal do IBGE | IBGE](#), acesso em: 30 de abril.2026.

JESUS. Carolina Maria de, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, 10 ed, São Paulo: Ática, 2014

<https://oimparcial.com.br/noticias/2022/05/maranhao>. Maranhão: 3 mil crianças registradas só com o nome da mãe. Cartórios registram o maior número de mães solas no Maranhão desde 2019, acesso em 20/05/2026.